

O ano de 2009 assinala noventa anos do Tratado de Paz que pôs termo à Primeira Guerra Mundial que assolou a Europa enquanto principal teatro de operações, que envolveu um conjunto significativo de nações beligerantes dos diferentes continentes, responsável pela mobilização de milhões de homens para um conflito militar original.

Guerra que obrigou os militares a adaptarem-se a novas realidades para poderem sobreviver e protagonizarem o sucesso de campanha. Nas trincheiras europeias, os combates fizeram-se até ao último homem da Companhia, até ao depauperamento físico do Batalhão e até ao aniquilamento psicológico da Divisão, recorrendo a táticas e a armas, aperfeiçoadas ou inventadas para aumentar o potencial mortífero e desmobilizador dos exércitos em contenda.

Os homens, mobilizados e transportados para a zona de guerra, serão os grandes protagonistas, independentemente da formação militar prévia, do posto exercido na hierarquia ou da função exigida em campanha. O comportamento desses combatentes, manifestado em grupo informal ou individualmente, no seio da organização hierárquica militar, decidiu os ritmos, os fracassos e os sucessos da própria guerra.

Nas trincheiras europeias, a sobrevivência, mês após mês de campanha, era saudada com alegria e alívio mas também com frustração e tristeza perante aqueles que tombavam na lama tinta de sangue. Este equilíbrio de emoções era difícil de ser construído e mantido em harmonia perante a permanência na linha da frente onde os horrores da guerra eram vividos ao segundo, numa mistura de coragem, de solidariedade, de angústia e de medo. O desequilíbrio ocorria quando o pânico substituída o medo da ferida, da doença, da morte e do cativo e quando as sensações de solidão e de abandono emergiam num contexto de ruptura do espírito de corpo. Tais realidades estarão presentes em todos os exércitos envolvidos na Primeira Guerra Mundial, vividos em momentos temporais diversos e com intensidades diferentes.

A história da Guerra de 1914-18 é a história desses combatentes, aliados ou adversários, e a respectiva interacção com os civis que permaneceram na retaguarda, participando ambos no esforço de guerra, lutando em nome de valores como a Liberdade, o Direito Internacional e a Soberania Nacional.

Lamentavelmente, a história da Guerra que marcou o século XX da História da Humanidade está muito pouco presente na memória dos contemporâneos não fazendo justiça aos protagonistas da Primeira Guerra Mundial nem àqueles com quem privaram no rescaldo da guerra e com eles reconstruíram a vida do após-guerra, ou seja, a Europa e o Mundo que hoje conhecemos.

Nas comemorações internacionais que assinalam o final da Primeira Guerra Mundial, Portugal e os portugueses devem participar de pleno direito uma vez que cerca de 55.000 combatentes e algumas enfermeiras partiram de Lisboa no ano de 1917 rumo a Brest para se instalarem durante dois anos na zona do rio Lys, na Flandres.

Aí combateram ao lado dos franceses, ingleses, escoceses, canadianos e australianos o inimigo alemão. Aí sobreviveram nas lamacentas, doentias e frias trincheiras. Aí experimentaram sensações-limite na dura luta pela vida contra a morte ao lado dos civis franceses e belgas. Aí viveram experiências como a enervante espera pelo ataque inimigo; a cacofonia dos bombardeamentos; a adrenalina do raide em terra de ninguém; a exultação pela captura de prisioneiros; a dor pela ferida ou mutilação; a tristeza de perder um camarada; o medo perante um ataque de lança-chamas ou de gás asfixiante; a frustração perante a corrupção e compadrio na concessão de licenças; a inveja perante aqueles que obtinham uma baixa hospitalar, real ou fraudulenta; a insegurança perante o equipamento deficiente disponibilizado e as estreitas e baixas trincheiras onde tinham de permanecer; a emergência do pânico, de consequências absolutas como o extravio, a deserção, a auto-mutilação, a insubordinação, a revolta, o suicídio e até o homicídio...

Vivências duras e longas no tempo visto que o Corpo Expedicionário Português não conseguiu substituir os homens desgastados na Frente de Combate durante a contenda e até após a guerra terminar! Os militares portugueses vão esperar pelo repatriamento após a assinatura do Armistício e vão desesperar até Março de 1919 por um navio que acabe com a fome, a penúria e o cansaço vividos nos campos de trabalho no sector do Lys e nos campos de convalescença situados nas frias e húmidas praias da Flandres:

muitos não vão regressar a Portugal, acabando por morrer, sós, de tuberculose ou de pneumonia numa cama de hospital...

Esta comunicação pretende abordar todo um conjunto de questões historiográficas relacionado com o quotidiano português nas trincheiras europeias, entre 1917 e 1919, de modo a revalorizar actos, rectificar números, contextualizar o protagonismo português no teatro de operações europeu e até desfazer mitos.